



CEMITÉRIO DAS ÁGUAS: espacialidades da morte e do luto no rio Madeira (RO)

Introdução

O Projeto denominado Complexo Hidrelétrico do Madeira foi durante algum tempo o maior investimento do PAC – Programa de Aceleração do Crescimento do governo Dilma Rousseff. O empreendimento na ordem de 19,5 bilhões foi ganho pelo consórcio Madeiras Energias S/A, composto por várias construtoras dentre elas Furnas, Odebrecht e Andrade Gutierrez e teve por objetivo a construção de duas usinas hidrelétricas Jirau e Santo Antônio, ambas em Porto Velho.

A partir do início das obras verificou-se gradativamente a destruição de dois patrimônios naturais da cidade, ou seja, as cachoeiras de Santo Antônio e a de Teotônio ambas no Rio Madeira. Tal destruição obrigou os moradores da antiga Vila de Teotônio a serem transferidos para outro lugar de moradia construído pelo Consórcio e a “abandonar as memórias afetivas que estavam registradas naquele lugar, mas também abandonar os seus mortos que estavam enterrados na cachoeira” como inferiu uma das entrevistadas.

Na Amazônia quando alguém morre afogado e não se encontra o corpo, se diz que ele se transformou em um encantado, isto é, aquele que se torna o protetor do lugar e de certa forma é um morto vivo, pois tem uma funcionalidade, a de proteção e enquanto tal acaba permanecendo vivo.

Na condição de encantado, familiares e amigos costumavam se reunir no dia de finados para celebrar a beira da cachoeira oferendas, rezas e cânticos aos que se encantaram no que se denomina cemitério das águas.

Nesse sentido, as águas acabaram fundando novas espacialidades cemiteriais e novas territorialidades. Uma vez que abriram novas dimensões ou no dizer de Foucault (2013), novas heterotopias, pois ao olhar para as águas que comandam a vida do homem amazônico como inferiu Tocantins (1952), elas abriam portais onde eram encontrados os entes queridos. Transferir a



comunidade, não levou só os moradores ao processo de desterritorialização do lugar de moradia, mas também de seu cemitério e de seus encantados.

Assim, podemos dizer que hoje a comunidade tenta se territorializar não só em outro lugar, ou seja, em uma nova vila, mas na tentativa de fazer com que as memórias e, sobretudo as que estão vinculadas aos encantados possam sobreviver.

Um pouco da história da Vila de Teotônio

A história da antiga Vila de Teotônio encontra-se ligada ao processo de ocupação da Amazônia Ocidental pelo governo português. A primeira tentativa é estabelecida em 1757 por Teotônio da Silva Gusmão que chega ao local à margem direita do Rio Madeira em frente a uma cachoeira que receberia em sua homenagem o seu nome e funda a feitoria de Nossa Senhora da Boa Viagem do Salto Grande, elevada a condição de Vila dois anos depois (LIMA, 2014).

A Vila foi abandonada por volta de 1760 em virtude do autoritarismo de Teotônio Gusmão que fez com que muito de seus colaboradores migrassem para outras vilas e pelos ataques indígenas que levou a localidade a sofrer o seu primeiro abandono.

Outras tentativas foram efetuadas, porém o ataque promovido pelos indígenas e a falta de estratégia ou de políticas por parte do governo da Capitania de São José do Rio Negro focadas na ocupação efetiva dessa parte da Amazônia fez com que todas as possibilidades de ocupação fossem fracassadas.

Somente em 1940 é que se efetiva em Teotônio uma colônia de pescadores que ali se estabeleceram e passaram a viver do que o rio lhes ofertavam. A referida comunidade que ficou conhecida como Vila de Teotônio, como já referenciado anteriormente, abrigou inúmeras famílias que em tal localidade fincaram trajetórias de vida e de morte até a chegada das Usinas do Madeira.



A partir de 2014, ou seja, após 257 anos (1757 a 2014), surge nos enunciados discursivos uma nova Vila de Teotônio, “moderna e funcional” – mesmo slogan usado pelos administradores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré entre os anos de 1907 a 1912. A nova Vila se materializou para abrigar 40 famílias que se dispuseram a continuar juntos, uma vez que a antiga foi submersa. Na nova foram ofertadas casas de alvenaria, energia elétrica, água encanada, esgoto, iluminação pública, escola, restaurantes, posto de saúde, área de lazer, centro administrativo, represa e praia artificial. Porém, cabe-nos inferir que a nova Vila apesar de proporcionar casas em alvenarias e uma infraestrutura que a antiga não possuía, demonstrou que na prática não ter nada de funcional, uma vez que o acesso é difícil e, conseqüentemente não conseguiu atrair um público para fazer do lugar um polo turístico.

Podemos dizer que para além do slogan “moderna e funcional” a nova Vila também não teve sucesso em decorrência de ser um território superficial aos seus moradores. As relações que eram estabelecidas na antiga Vila não conseguiram ser transportadas, ocorrendo com isso um fenômeno que Haesbaert (2002, p. 132) define como desterritorialização, sobretudo no âmbito cultural, uma vez que ocorreu com a perda do território o “desenraizamento simbólico-cultural” e os moradores não conseguiram se reterritorializar, pois lhe falta elementos importantes, sobretudo, o rio.

Entrelaçando Fios

Pensar a antiga Vila de Teotônio é pensar em seus moradores e em suas narrativas recheadas de singularidades que fundaram nessas paragens amazônicas novas espacialidades da morte onde mortos, em alguns casos, não morrem se encantam e, também não são enterrados, eles simplesmente submergem nas águas profundas para obter a condição de encantado.

Em uma das narrativas uma senhora conta que o marido saiu de casa para pescar e escorregou em uma das pedras da cachoeira e se tornou encantado. O corpo foi procurado por dois dias, porém ela o procurou por anos



na beira do barranco. Diz que não conseguia vê-lo, pois as águas da morte são escuras e diferentes das do batismo que é clara e simboliza vida, porém sentia sua presença e sabia que a cor da água só era escura em decorrência do choro de muitas mães, pais e filhos.

Essa narrativa aproxima-se do que foi dito por Bachelard (2013), que inferiu ao analisar a representação das águas profundas que estas nascem limpas, mas em decorrência do sofrimento acabam se tornando escuras.

Por outro lado, em uma segunda narrativa encontramos outra percepção para o elemento água,

Se encantar nas águas é a certeza de viver, pois é a garantia de ficar sempre em movimento, pois o ser encanto não tem um paradeiro, ele se movimenta sempre e esse movimento tira um pouco do sentimento de dor e devolve a alegria do rio. Não se consegue olhar para o rio, sem lembrar que ele garante o alimento, o sustento pra mim e pra família. Quando olho o rio, vejo os encantados se movimentando, não vejo a água barrenta e, sim uma água abençoada pela garantia do alimento. E quem não deixa faltar o alimento são os encantados. (Mulher, 46 anos)

As águas sempre em movimento e a trazer a alegria do rio podem ser interpretadas como mecanismo de fuga é a forma a segunda narradora encontrou de trazer à tona a memória do filho que submergiu após um acidente na cachoeira. Talvez, ela esteja aprisionada em um mundo que lhe escapa ver o rio de água barrenta e transformá-lo em águas abençoadas e/ou cristalinas é o devaneio que ela desencadeia para se aproximar do ente querido que só pode ser visto em águas cristalinas. Ou no dizer de Bachelard (2013, p. 33) através da água sonhamos e transformamos os olhos em “poça inexplorada de luz líquida que Deus colocou no fundo de nós mesmos”.

Por outro lado, precisamos entender o significado do rio para o homem amazônico. O rio, para as sociedades da Amazônia que vivem a beira deles, é que comanda a vida. Através de suas águas é que, sobretudo, as populações ribeirinhas se locomovem, extraem o sustento e tecem seus devaneios.

O homem e o rio são os dois agentes mais ativos da Geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de



motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional. (TOCANTINS, 1968, p.306).

As águas são portadoras de vida e morte e em pleno movimento acabam arrastando tudo ao seu destino. No caso dos encantados, as águas sempre em movimento denotam pela sua dinamicidade vida a estes seres. Não há morte na água, uma vez que como dia Bachelard (2013), ela “tempera os outros elementos” e num eterno movimento não permite a ilusão da infinitude do ser. A água tem o poder de ligação dos vínculos mais íntimos, por isso é capaz de misturar sonhos com realidades. Tais impressões coadunam com a narrativa acima, uma vez que ela ressalta que águas sempre em movimento geravam vida aos encantados.

Os rios e suas águas aparecem em quase todas as narrativas de viagens implementadas pela Amazônia. Uma das mais conhecidas nos é apresentada por Euclides da Cunha em sua viagem ao Purus no início do século passado. O referido escritor retratou um ritual que era desenvolvido pelos seringueiros durante a Semana Santa ou mais precisamente no sábado de aleluia. Nesse dia homens e mulheres produziam um boneco que Cunha denominou de Judas-Asvero por ser a imagem e semelhança não só do seringueiro, mas de todas as dificuldades que o seu criador passava na Amazônia durante a extração do ouro branco – látex.

É o espantalho feito do arremêdo de uma cruz de paus silvestres, enfiada na terra. No tópo da geringonça assentam um gasto chapéu de carnaúba, e um paletó em trapos, uma calça em mulambos, amarrados nas hastes, completam o perfil de um mostrengo com braços abertos em que as capivaras distinguem as linhas vivas e cruéis de um feroz caçador, ou talvez, do próprio diabo. (TOCANTINS, 1968, p.152).

No sábado de aleluia o boneco era amarrado em uma jangada e entregue ao movimento do rio. Totalmente a deriva, provocava medo por onde passava e para livrar-se dele homens atiravam na personagem, afinal era uma alma errante arrastada pela correnteza do rio.



As águas nesse contexto arrastavam não só o boneco, mas também os pecados de homens e mulheres que foram traídos pelo governo, que sem conhecer as condições de trabalho a que seriam subordinados viam na representação do Judas a forma de externalizar sua dor contra o seringalista.

Outro elemento referenciado nas narrativas, diz respeito aos ritos que eram desenvolvidos para homenagear os que haviam se encantados nas águas do Madeira ou mais precisamente na cachoeira de Teotônio. Segundo os relatos homens e mulheres se aglomeravam na beira dos barrancos para homenagear os entes queridos.

O ritual de preferência deveria ser realizado em noite de lua cheia porque é nela que os encantados da mata e das águas se manifestam. E ao iluminar a água a lua realiza o desejo do coração que é o de aguçar a memória sobre aquele que só pode ser lembrado pelas águas. Em noite de lua cheia as águas quase param para reproduzir a imagem da lua gerando a ideia de que o encantado também ficará parado na tentativa de contemplar as homenagens feitas a eles.

Para ver o seu reflexo na água, Narciso procurou um lago de águas puras e cristalinas, porém na Amazônia com suas águas escuras e caudalosas, somente o luar poderia provocar tal fenômeno. Era como se os encantados saíssem do fundo das águas e se sentassem em uma das margens dos rios a contemplar a homenagem. Sem eles, as águas ficavam quase sem movimentos. Quem se banha como diz Bachelard (2013), não se reflete, uma vez que agita a água. Era preciso, somente o movimento natural e noturno do rio para que os encantados pudessem ser homenageados.

Nessa localidade o rio assumia uma nova espacialidade que era a de ser uma espécie de cemitério dos encantados.

O rio é o cemitério de muitos de nossos filhos e parentes que se encantaram por ele e foram morar em suas águas. Esse rio é o céu que muitos imaginam existir. Ele é cemitério na forma de falar e ser entendido, mas na realidade ele é apenas o lugar de hospedagem dos encantados. E como tem vida e gera vidas não pode ser visto como um lugar de morte. O rio é um ambiente que está sempre grávido e assim gera vida e



conserva a dos nossos filhos e parentes que por lá se hospedam. (Homem, 69 anos)

A narrativa acima carrega elementos que denotam que a morte não era focada somente na dor. O rio dava a dimensão da vida e da continuidade dele.

O sentimento de dor vem com a transferência dessas pessoas para a Nova Vila de Teotônio. Com esse deslocamento ocorre a desterritorialização, ou seja, a quebra de vínculos importantes para comunidade gerando com isso perda das territorialidades. Ocorre a falta de elementos constitutivos do antigo território, sobretudo o simbólico,

Deixar a minha casa e saber que a hospedagem dos encantados iria desaparecer, me deixou com uma dor insuportável no peito. Chorei por dias afins. Não queria sair, mas fui obrigada. A minha história estava plantada naquele lugar e hoje foi arrastada pelas águas que inundaram Teotônio. (Mulher, 80 anos)

Um duplo luto se estabeleceu, o primeiro detectado pelo processo de desterritorialização de lugar da lembrança e o segundo pela dor de se distanciar do rio e dos entes nele sepultados.

Analisar o cemitério das águas permite-nos verificar a importância do rio para o homem amazônico e todo o seu campo de representação, além de percebermos que o referido espaço cemiterial não desapareceu com as cachoeiras, agora ele está localizado não mais na superfície e, sim nas profundezas da alma, no sentimento daquele que demarcou o território da morte na dor que era acalentada nas conversas com os mortos a beira dos barrancos e nos rituais de passagens ali desenvolvidos e cultuados pela comunidade, afinal “A morte é uma viagem e a viagem é uma morte. [...] só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio.” (BACHELARD, 2013, p. 77).



REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, as Heterotopias.** São Paulo: N-1 Edições. 2013.

TOCANTINS, Leandro. **O Rio Comanda a Vida – uma interpretação da Amazônia.** Rio de Janeiro: Record, 1968.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste.** Niterói: Eduff, 1997.

CUNHA, Euclides da. **À Margem da História.** São Paulo: Martins Fontes: 1999.